

MARCIO COTRIM

Educação - 2 MAI 1987
Ensino particular, uma vergonha

Enquanto escrevo estas linhas, as aulas nas escolas particulares continuam paradas. Já faz tanto tempo que a gente chega até a temer que tenham parado definitivamente... As razões? O aumento dos professores, que os donos dos colégios querem repassar às mensalidades.

Tenho acompanhado o debate. Os donos dos colégios, arrogantes, falam acintosamente em desobediência civil, numa atitude de aberto desafio ao governo e à lei. Os professores, por sua vez, alegam os salários ridículos que recebem e exigem aumento. E os pais — os que pagam — desfilam sua perplexidade; sabem que sobre eles recairão todos os ônus para solucionar a greve e se recusam a pagar qualquer tipo de majoração afirmando que os lucros dos colégios já são altíssimos. Eis o impasse e as crianças sem aula.

Outro dia, conversando com uma amiga, dela conheci razões. Coisas escandalosas mas que com o tempo foram sendo toleradas e hoje se incorporaram à rotina. Por exemplo, os colégios cobram 13 mensalidades anuais e só dão 8 meses de aula. O absurdo está em que as mensalidades são todas iguais, apesar de, nos quatro meses de férias as despesas do colégio serem evidentemente bem menores, pois praticamente não há gastos de luz, água, telefone, material de limpeza, etc.

Mais: no começo do ano, os colégios exigem de cada aluno algo assim como 700 copos descartáveis, 20 rolos de papel higiênico, mil folhas de papel Chamex, 20 cadernos e assim por diante, quantidades delirantes que jamais serão utilizadas durante o ano letivo. E que, aliás, deveriam ser despesas pró-

prias do colégio e não atribuídas aos pais, ora essa! Pois elas cabem aos pais, caro leitor, e nessas proporções fantásticas!

Há colégios — sobretudo cursinhos — que, não faz muito tempo, davam as apostilas aos alunos. Hoje, não dão mais. Cobram, e cobram caro por elas, e aí de quem não as comprar, e a preços exorbitantes.

Enfim, um elenco de arbitrariedades que fariam corar um frade de pedra e, não obstante, em vigor com o conhecimento do MEC e das Secretarias de Educação. E não há a quem reclamar. Pior: se algum pai ou mãe protestar ao diretor do colégio e adotar alguma represália, a vítima será seu filho ou sua filha, que acabarão humilhados ou reprovados inapelavelmente e terão que deixar o colégio. Aliás, não vai adiantar nada, pois cairão em outro onde o sistema é igualzinho, pois tudo funciona como um cartel (quase que eu dizia uma máfia!).

Na verdade, o ensino particular neste país transformou-se, pelo desleixo das autoridades, numa atividade altamente lucrativa. Alguém já fez o cálculo de quantos alunos de uma classe de, digamos, trinta crianças, pagam todas as despesas do colégio, incluindo professores e custos fixos? Fez, sim. Fez e se estarreceu, pois o resultado trouxe à luz lucros astronômicos. Eis porque os donos de colégios se pelam de medo e se recusam a fazer publicamente esse tipo de análise. Claro, eles veriam cair a máscara e serem revelados lucros que caracterizariam um escândalo nacional!

De fato, o ensino particular virou um escândalo. Puxo pela memória e me lembro de que nos meus tempos de Metropolitano, Pontainha, Santo Inácio e PUC, no

Rio de Janeiro — todas escolas particulares — as coisas eram mais honestas. Nunca vi reclamações tão veementes sobre temas tão incríveis como os de hoje.

É lógico que num país miserável, de dezenas de milhões de analfabetos, uma parte tão ponderável do ensino não pode estar nas mãos vorazes de tubarões desse tipo. Sujeitos que negociam como qualquer comerciante, que vendem seus produtos — a Geografia, a Química ou a Biologia — exatamente da mesmas forma reles como se vende o bacalhau ou a creolina!

Revolta. Causa indignação. O resultado disso, evidentemente, é a estagnação e mesmo o retrocesso da educação nacional. Talvez até interesse a muita gente que defenda, a boca pequena e entre seus iguais, a manutenção do "status-quo". Mas ao governo cabe a intransferível responsabilidade de coibir esses abusos. Se não coíbe, cabe à sociedade botar a boca no mundo e bradar por isso, seja na voz dos pais, seja pela imprensa, como faço agora. E preciso protestar, e alto, contra esse estado de coisas.

O ensino público é uma lástima porque o governo paga escandalosamente pouco a seus professores. Uma professora do interior do Maranhão ou de Minas ganha menos que um salário mínimo, enquanto um capitão da Polícia Militar de São Paulo recebe 416 mil cruzados por mês, quinhentas vezes mais, o que pode ser mais indecente? Mas, enfim, o governo paga mal e alega que não pode pagar mais porque não tem dinheiro, a não ser com uma radical reforma que canalize mais recursos para a educação.

O ensino particular é outra lástima porque é administrado com

apetites empresariais. Longe vai o tempo em que reverenciávamos a figura do educador, aquele homem abnegado que formava gerações para a vida e que era saudado com respeito quando passava. Hoje o sacerdote se transformou em negócio. O que vemos são lustrosos e pancudos milionários ou senhoras nutridas que, de uma salinha transformaram seus estabelecimentos de ensino em formidáveis redes de prédios próprios e que em pouquíssimos anos, com o ensino — com o ensino! — fizeram fortunas comparáveis às de banqueiros.

Enquanto isso, permanece a multidão de analfabetos que envigona a nação. Quanto aos vestibulares, todo mundo sabe das enormes quantidades de provas que não saem do zero por absoluta e maciça ignorância, fruto de um ensino abaixo da crítica.

É urgente tratar essa gente que é dona de colégio com severidade e expor à opinião pública seus abusos. Quanto ao ensino público, o melhor mesmo é destinar-lhe recursos pesados e usar a imaginação em iniciativas como os CIEPs, vitoriosos no Rio e a pleno vapor em Minas. E, se for a melhor conclusão, que se estatize todo o ensino, por que não? É muito bonito ficar falando em livre iniciativa e coisas assim românticas na teoria; mas quando elas, na prática — como no caso do ensino particular — produzem as monstruosidades que conhecemos, que passem ao Estado. Ao Estado equipado, com recursos, mas sobretudo com o espírito voltado para erradicar o analfabetismo da terra brasileira e proporcionar à juventude que hoje estuda um futuro que, afinal, meu Deus, é o próprio futuro do país!